

de 1983

CORREIO BRAZILIENSE

Economia aumentou a sua dependência

O Produto Interno Bruto do País subiu e caiu, e a economia ficou bem mais dependente dos mercados comerciais e financeiros internacionais, comentam alguns técnicos do Governo, ao serem indagados sobre a administração econômica do Brasil ao longo dos últimos 19 anos. Admite-se que houve erros de estratégia econômica, mas acima desse aspecto esses técnicos ressaltam que o País foi vítima das consequências de duas crises mundiais do petróleo e de uma crise financeira internacional, iniciada em 79, com a disparada das taxas de juros, e que atingiu o seu auge em setembro/outubro do ano passado.

Há economistas de prestígio, entretanto, que afirmam que o Planejamento econômico do País falhou ao superdimensionar algumas obras do governo revolucionário — como seriam o caso da Transamazônica, Ferrovia do Aço, Programa Nuclear, metrôs do Rio e de São Paulo etc. —, que, em função da grande disponibilidade de crédito externo, ajudaram a dívida externa brasileira a se elevar rapidamente. Hoje ela é de cerca de 80 bilhões de dólares. Entendem esses especialistas que muitos desses empreendimentos eram inopportunos na época e que os estrategistas econômicos subestimaram o seu prazo de maturação e as consequências da primeira crise mundial de petróleo.

Os informantes governa-

mentais, após admitirem a ocorrência de alguns equívocos de administração econômica apontam para duas realizações do Governo Figueiredo: o Programa Nacional do Álcool e a melhoria dos serviços de comunicações. Economistas e políticos reconhecem que esses dois setores progrediram muito. O Proálcool alimenta uma frota de 500 mil novos veículos por ano, e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, por exemplo, entrega amanhã de manhã uma carta que foi postada até às 18 horas de hoje, e endereçada a qualquer cidade do interior de São Paulo.

O nível de endividamento externo do País acarretou para o planejamento econômico problemas quase incontornáveis de gerência do balanço de pagamentos. E o Brasil atualmente luta para equacionar a questão, com a esperança de um grande incremento nas suas exportações, livrando-se assim do fantasma da moratória. A recuperação da economia norte-americana parece se constituir num forte indicativo de que o País vai poder contornar as suas dificuldades de capital de giro. E de que as colas começam a melhorar.

QUATRO MINISTROS

Nesse período de 19 anos, o País, a despeito do aumento do seu endividamento externo e também interno, acostumou-se a ver taxas positivas de

crescimento para a sua economia. Mas o quadro mudou em 81: o PIB foi de 1,9 negativo. E no ano passado o PIB cresceu pouco, entre 1 e 1,7 por cento.

Quatro ministros se revezaram à frente da Secretaria de Planejamento da Presidência da República: Roberto Campos, Reis Velloso, Mário Henrique Simonsen e Antônio Delfim Netto.

Roberto Campos, a partir de 64, utilizou uma política econômica recessiva, mas a economia teve folga para crescer: muitas empresas quebraram e o desemprego disparou; na gestão Reis Velloso, a economia sempre cresceu a altas taxas, movida, em sua maior parte, por recursos externos; foi a época dos grandes investimentos e da substituição de importações; Mário Henrique Simonsen, de março a agosto de 79, tentou reduzir o ritmo da economia, apertando os controles monetários e fiscal e elevando o custo do crédito externo. O empresariado não gostou. Simonsen pediu demissão. Em seu lugar, o ministro Antônio Delfim Netto. Para enfrentar o peso da herança das administrações anteriores, toma posse anunciando que a única saída do País é crescer. A estratégia não durou mais de um ano. Os problemas eram grandes demais. A partir de então, as mais variadas alternativas econômicas foram colocadas em campo. Mas os problemas persistem.